

CAPÍTULO IV — O PODER E O LIVRE ARBÍTRIO

^(1º) As pessoas tendem a pensar que falar de amor diante dos poderes humanos é apenas uma ilusão. Estranhamente, elas veem o uso da força como algo necessário — não como um sinal de que o amor está faltando. Repetidamente, elas impõem o seu poder aos outros e chamam isso de amar, sem perceber que a sua versão de amor ainda é rudimentar.

^(2º) Mas o amor, quando é evoluído, é a verdadeira Lei Maior. Tudo de bom se constrói por meio dele — e nada duradouro existe sem ele. Sem amor, tudo desmorona. As leis da igualdade de direitos nascem do amor, porque as pessoas verdadeiramente guiadas pelo amor querem equilibrar os direitos e as responsabilidades. Já as pessoas movidas pelo ódio buscam apenas desequilibrar tudo.

^(3º) Na questão 361 do livro *O Consolador*, ditado pelo espírito Emmanuel e psicografado por Chico Xavier¹⁶⁰, o autor descreve uma idéia dominante de “força” que atrapalha o alcance espiritual de pessoas em posições de poder. Essas pessoas muitas vezes só aceitam o que é respaldado pela força — ou pelos princípios que a força aprova. Essa força é o controle humano, exercido por algum tipo de pressão — física ou mental.

^(4º) No *Evangelho de Judas*, quando Jesus vê os seus discípulos se voltando contra Ele, Ele os desafia: se algum deles fosse perfeito, que falasse. Todos eles responderam: “Nós temos a força”¹⁶¹. Em *Star Wars*¹⁶², a frase “Que a força esteja com você” substitui idéias como “Deus” ou “paz” por um conceito de poder mental — e é repetida o tempo todo. No seu evangelho, Maria conta a história de uma conversa entre Jesus e um comandante rebelde, João de Gíscala, na qual Jesus recusa o chamado à guerra — e define a força como algo que se opõe diretamente ao amor¹⁶³.

^(5º) E o que você acha de usar a força pra provar o seu ponto de vista? Você não acha que isso só o faria parecer irracional? Se o seu raciocínio realmente fizesse sentido, ele convenceria as pessoas — traria paz, não conflito. A razão pela qual a coexistência humana ainda não encontrou a paz é simples: nós ainda não desenvolvemos esse tipo de inteligência. Emmanuel conclui essa passagem dizendo: “*Dia virá em que brilharão na Terra os eternos direitos da verdade e do Bem, anulando essa ‘força’ transitória*”.

^(6º) Em *A História da loucura*¹⁶⁴, Michel Foucault investiga como a loucura — e até mesmo a definição de loucura — é moldada por quem detém o poder. Ele mostra como a sociedade francesa — ou melhor, certas famílias da elite — começou a usar o poder do Estado pra isolar as pessoas. Não apenas os doentes mentais, mas qualquer um que se interpusesse no seu

¹⁶⁰ Xavier, 1941, p. 122.

¹⁶¹ *Evangelho de Judas*, tradução FRA, p. 1. Fonte Autores espíritas clássicos. Disponível em: <https://www.fra.org.br/files/O-EVANGELHO-DE-JUDAS.pdf>

¹⁶² Filme *Star Wars* — Direção: George Lucas, J.J. Abrams, Irvin Kershner, Rian Johnson, Richard Marquand. Produção e distribuição: Lucasfilm, 20th Century Studios, Bad Robot Productions, Walt Disney Pictures, Ram Bergman Productions, 1977. Fonte: Wikipedia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Star_Wars.

¹⁶³ *O Evangelho Secreto da Virgem Maria* de Santiago Martin, páginas 183 e 184 — “Meus caminhos não são teus caminhos. Eu vim para salvar o que estava perdido, não pra aumentar a destruição, tu estas procurando implantar um reino deste mundo e eu luto por um reino que não é daqui. Tu crês na força. Eu creio no amor. Quem sabes pensas que vais vencer e até é possível que ganhes alguma batalha, mas serás derrotado. Ao contrário, eu vou morrer logo, porém não demorarei a voltar a viver para sempre”.

¹⁶⁴ FOUCAULT, 1978.

caminho. Foucault expõe o absurdo dos chamados “tratamentos” que eles usaram ao longo dos séculos. A maioria deles era mais sobre punição do que sobre cuidado. E qual era o verdadeiro objetivo? Não se tratava de curar as pessoas. Tratava-se de reescrever a realidade — substituindo a verdade médica pelo controle social.

^(7º) A declaração de loucura tem sido usada pelos dominadores ao longo da história, como uma maneira de eliminar as oposições. Prum dominista, a declaração de loucura é um meio de silenciar. Atualmente, as pessoas estão tão condicionadas a essa realidade que, frequentemente, quem fala a verdade ouve a expressão: “Você é louco?”, tornando a verdade sinônimo de loucura na era do anticristo. E o sistema revida contra aqueles que dizem a verdade — porque a verdade ameaça a força, que se baseia em mentiras.

^(8º) A inovação e a loucura têm uma coisa em comum: ambas são formas de pensamento livre. E quando elas aparecem, não passam despercebidas — porque elas usam palavras que não pertencem à linguagem da dominação, repleta de leis do silêncio. É por isso que o discurso social muitas vezes soa como um monte de repetições roteirizadas e cheias de armadilhas.

^(9º) Ao mesmo tempo, a nossa sociedade trata a loucura como uma condição permanente — mas sejamos honestos: em algumas situações, *não* enlouquecer é o que é verdadeiramente anormal. Por exemplo, como alguém poderia permanecer perfeitamente estável após testemunhar um assassinato brutal?

^(10º) Os doministas frequentemente provocam instabilidade psicológica nos seus oponentes de propósito — tentando levá-los à loucura ou rotulá-los permanentemente como mentalmente incapazes. E, ao fazer isso, eles ignoram completamente a resiliência da pessoa.

^(11º) Declarar alguém louco é uma forma de apagar a sua vontade e a sua personalidade da sociedade — é basicamente uma espécie de morte social. A pessoa perde o livre-arbítrio, não é ouvida e não tem autoridade pra se defender. Ela é condenada sem chance de resposta. E assim, de repente, ela deixa de ser uma ameaça a qualquer dominação que queira se impor.

^(12º) Em *A história da loucura*, Foucault mostra como a psiquiatria, em vez de descobrir a essência da loucura e libertá-la, na verdade se dedicou ao controle dos doentes mentais. O filme *Um estranho no ninho*¹⁶⁵, com Jack Nicholson é uma metáfora poderosa pra o que acontece. Nele, um homem são é internado em um hospital psiquiátrico e acaba lobotomizado por desobediência — expondo quantas pessoas sãs foram tratadas como insanas apenas pra serem controladas. Na música brasileira dos anos 1970, Raul Seixas¹⁶⁶, Silvio Brito¹⁶⁷ e Rita Lee¹⁶⁸ foram algumas das vozes mais fortes a levantar questões sobre o que nós chamamos de “loucura”.

Balada do Louco
(Arnaldo Baptista e Rita Lee, 1972)

Dizem que sou louco por pensar assim

¹⁶⁵ Título original: *One Flew Over the Cuckoo's Nest* — É um filme estadunidense lançado em 1975 e baseado no romance de mesmo nome de 1962 escrito por Ken Kesey. Direção: Miloš Forman; produção: Michael Douglas e Saul Zaentz; companhia produtora: Fantasy Films; distribuição: United Artists. Fonte: Wikipedia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/One_Flew_Over_the_Cuckoo's_Nest

¹⁶⁶ **Raul Santos Seixas** — foi um cantor, compositor, produtor e multi-instrumentista brasileiro, frequentemente considerado um dos pioneiros do rock brasileiro.

¹⁶⁷ **Silvio Ferreira de Brito** — é um cantor brasileiro de rock e folk rock, famoso por canções de questionamento social e psicológico durante o período do regime militar.

¹⁶⁸ **Rita Lee Jones de Carvalho** — foi uma cantora mezzo-soprano brasileira, compositora, multi-instrumentista, atriz, escritora e ativista brasileira, de ascendência estadunidense e italiana.

Se eu sou muito louco por eu ser feliz
Mas louco é quem me diz
E não é feliz, não é feliz

Se eles são bonitos, sou Alain Delon
Se eles são famosos, sou Napoleão
Mas louco é quem me diz
E não é feliz, não é feliz

Eu juro que é melhor
Não ser o normal
Se eu posso pensar que Deus sou eu

Se eles têm três carros, eu posso voar
Se eles rezam muito, eu já estou no céu
Mas louco é quem me diz
E não é feliz, não é feliz

Eu juro que é melhor
Não ser o normal
Se eu posso pensar que Deus sou eu
Sim, sou muito louco, não vou me curar
Já não sou o único que encontrou a paz
Mas louco é quem me diz
E não é feliz, eu sou feliz.

^(13º) Nós vivemos numa sociedade enlouquecida — que decide o que a loucura significa e impõe isso a força, tornando incerto se é mais saudável ser “normal” ou diferente. Em *O Alienista*, Machado de Assis¹⁶⁹ questiona a relatividade da loucura numa história em que um psiquiatra munido de poderes ilimitados e um novo manicômio pra ocupar, muda constantemente as regras de internação. Num determinado momento toda a sociedade acaba internada. No final, todos são liberados e o psiquiatra declara que a única pessoa verdadeiramente insana é ele mesmo — então, ele escolhe se isolar no manicômio, dedicando o resto da vida a estudar a sua própria loucura. Dessa forma, Machado destaca a insanidade oculta no que a sociedade chama de “normal”.

^(14º) Em *Microfísica do Poder*¹⁷⁰ Foucault investiga como o poder opera na sociedade. Como nós mencionamos no Capítulo II, ele enfatiza que o conhecimento é a principal e mais estratégica arma de dominação. Ele chama isso de *saber institucionalizado* — dispositivos do conhecimento selecionados pelo poder, produzidos pela “força” e impostos à sociedade. Esse saber se torna o código comum da cultura, tratado como verdade inquestionável — embora, na realidade, ainda esteja atrelado a inúmeras mentiras.

^(15º) Sempre que alguém tenta ir contra o saber institucionalizado, ele se choca com uma barreira cultural. Vozes dissidentes ou idéias alternativas são perseguidas antes mesmo de se formarem completamente — isolando a oposição. A institucionalização molda o saber em torno dos interesses do sistema e o reforça em diferentes campos, tornando-o quase impossível de ser desafiado.

¹⁶⁹ Joaquim Maria Machado de Assis (1839 – 1908) — Em 1897 ele foi eleito presidente da Academia Brasileira de Letras. Ele foi romancista, contista e poeta, teve uma fase romântica e uma realista. Suas prosas realistas são verdadeiras obras-primas onde ele faz a análise psicológica dos personagens, da sociedade e crítica aos valores românticos. Fonte: *Literatura brasileira das origens aos nossos dias de José de Nicola*, 1988, p. 100-104.

¹⁷⁰ (Foucault, 2007) — *Microfísica do Poder*. Disponível em: <http://www.cidadaniareflexao.com.br/uems2018/Microfsica%20do%20Poder.pdf>.

^(16º) Veja, por exemplo, as tendências de dança populares atuais — nas quais as pessoas basicamente simulam sexo com o ar. Isso é grosseiro e animalesco, mas é promovido pela música, ensinado pela sociedade e amplificado por todos os meios de comunicação. As empresas apresentam esse estilo pornográfico de dança como apenas uma diversão inofensiva — institucionalizando-o e pressionando os jovens a dançarem assim, pra que não se sintam envergonhados por serem diferentes. Mas, se nós olhássemos com olhos neutros, o verdadeiro constrangimento recairia sobre a dança em si.

^(17º) Sócrates é um exemplo clássico de alguém condenado a beber veneno em público simplesmente por se opor ao saber institucionalizado. A sua resistência foi tão poderosa que é lembrada até hoje. No entanto, a falta de inteligência social, sustentada pela força, ainda sobrevive — mantendo o mesmo problema vivo em diferentes formas.

Assim, pensavam eles: Como um homem poderia ensinar de graça e pregar que não se precisavam de professores como eles? E mais: Eles não concordavam com os pensamentos de Sócrates, que dizia que pra se acreditar em algo, era preciso verificar se aquilo era realmente verdade. [...] (PLATÃO)

Pois se vós pensardes que matando as pessoas impedireis que vos reprovem por viverem mal, estais em erro. Esta forma de se desembaraçarem daqueles que os criticam não é nem muito eficaz nem muito honrosa. (...) (PLATÃO).

^(18º) Antigamente, qualquer pessoa que falasse com autoridade pessoal era punida de maneiras que serviriam de exemplo — assim como Sócrates. Em algumas sociedades, isso ainda acontece. Mas, muitas vezes, em vez de apagar idéias, essas punições as divulgavam ainda mais. É por isso que o sistema teve que adaptar as suas estratégias.

^(19º) Hoje, no Brasil, o sistema controla as pessoas por meio do trabalho. No Rio de Janeiro, por exemplo, o comércio ambulante costumava ser aberto a qualquer pessoa — uma opção de sobrevivência pra aqueles que não conseguiam encontrar outro emprego e corriam o risco de passar fome. Agora, a prefeitura exige autorização oficial e até uniformes¹⁷¹, tratando os vendedores ambulantes como eles se fossem parte do comércio formal. Qual o objetivo disso? Restringir a profissão e aumentar o controle do Estado. Mas, como essa lei é impossível de ser aplicada de forma generalizada, muitos simplesmente a ignoram.

^(20º) Esse tipo de controle funciona melhor com intelectuais — que também são os mais manipulados pelo conhecimento institucionalizado. O governo os emprega por meio de concursos públicos, aprisionando-os no seu discurso. Se eles ousarem apresentar idéias diferentes, são lentamente punidos pelos protegidos, os leais apoiadores do sistema. Se a pressão os desestabiliza, eles são avaliados por psiquiatras — geralmente os próprios médicos da agência — que quase sempre diagnosticam problemas mentais como químicos, não sociais. E, uma vez rotulados, eles são forçados a tomar medicamentos psiquiátricos que anestesiam as suas emoções — e, por extensão, os seus julgamentos e ações.

^(21º) Os profissionais liberais e autônomos também enfrentam imposições, necessitando serem dóceis ao sistema pra conseguirem dinheiro. Existe toda uma mecânica de diferenciações e exclusões sociais que empurra as pessoas pra obediência e pra conivência com as idéias da dominação. O medo da fome, da violência policial ou até de assassinato, além das condições desumanas das prisões, são ameaças constantes que impedem o surgimento de novas idéias.

¹⁷¹ Lei 6.272/2017

^(22º) Na dominação ideológica deste momento, é promovida a visão de que todas as idéias são livres — deixando as piores correrem soltas. É assim que a sabotagem funciona. Qualquer alegação de que a liberdade está ausente é silenciada. Enquanto isso, os jovens são dispensados no momento em que abrem a boca. Eles são convencidos de que eles não têm autoridade pra ver a vida com os seus próprios olhos.

^(23º) O saber institucionalizado nem sempre coincide com o saber acadêmico. Por exemplo, no serviço público brasileiro, a lei estabelece limites claros, necessitando de poucos elementos pra que um excesso seja considerado um crime. Mas o saber acadêmico é tratado como se fosse fantasioso diante das idéias doministas. Os funcionários, muitas vezes, narram histórias que sugerem a prevaricação, a escravidão, o assédio moral e o assédio sexual como se essas fossem práticas comuns — não crimes.

^(24º) No direito público todos só podem fazer o que manda a Lei — nada mais, nada menos. Caso contrário, já terão alguma punição prevista contra si. Todas as funções são definidas no papel desde o início. O princípio da cordialidade, por exemplo — a principal barreira contra o comportamento animalizado — aplica-se tanto ao público quanto aos colegas da instituição. Teoricamente, ninguém dá ordens, a própria lei as dá e isso deveria bastar pra regular as relações.

^(25º) Entretanto, os doministas defendem disputas rudimentares pelo poder, acreditando que assim eles impõem à força sobre os outros. As pessoas que ocupam as funções de confiança costumam interpretar a hierarquia como superioridade pessoal. É aí que a cordialidade desaparece — e o assédio moral se transforma num hábito não comentado.

^(26º) A nossa convivência é regulada por contratos sociais, nem sempre escritos, mas guiados pela inteligência da lei. O dominismo vai contra essa inteligência — contra a própria lógica. Por trás da estrutura legal, os doministas instalam uma estrutura de poder ilegal. O dominismo tem vida própria, independente dos seus agentes. Ele se estende até os pontos mais básicos da sociedade — porque ele é uma idéia. E como os nossos costumes são muito rudimentares, as pessoas muitas vezes crescem acostumadas a ele, desde o nascimento, nos seus lares.

^(27º) O dominismo não se fixa num único ponto dentro da estrutura social. Ele funciona como uma teia — dispositivos e mecanismos que se repetem pra manter pensamentos e comportamentos interligados. Essa é a rede. E dentro dessa rede, existem espaços livres deixados em aberto, essenciais pro funcionamento da dominação. Essas são as arenas onde as disputas pelo poder acontecem — através da força, das idéias ou de ambas. A tensão está sempre presente, garantindo que nada nem ninguém escape.

^(28º) Nessa malha, são sempre deixados sucessores. Os agentes são tratados como meros corpos, pra que os dominados pela força não percebam a possibilidade de um exterior ao sistema — ou quais são os limites do poder. Essa cegueira os impede de chamar esse poder pelo que ele realmente é: usurpação.

^(29º) O próprio conhecimento se torna falsificado à medida em que ele é transmitido. As regras são distorcidas antes mesmo de serem aplicadas. O direito penal, por exemplo, muitas vezes fica preso ao papel, longe dos ambientes policiais — onde a violência e a força dominam, disfarçadas de “mal-entendidos”.

^(30º) A dominação é exercida e disputada, levando as pessoas a tentarem ultrapassar os seus próprios níveis de poder, competindo, nos espaços “livres”. Um exemplo claro disso são os cargos de confiança em repartições públicas. Esses cargos vêm com novas responsabilidades

e salários mais altos. E quando um novo juiz está prestes a assumir, os comportamentos começam a mudar rapidamente — especialmente se ainda não houver protegidos.

^(31º) Os funcionários muitas vezes acabam travando uma guerra total por cargos, enxergando os cargos mais altos como símbolos de maior poder — e cruzando regularmente a linha da hierarquia pra usurpação. Muitos chegam a sentir pânico e desespero ao pensar em ocupar um cargo inferior na cadeia de comando, temendo receber o mesmo tratamento frio e desdenhoso que eles próprios dispensam aos outros.

^(32º) Esses problemas são agravados pelo desconhecimento generalizado da Lei. Uma orientação constante pela balança de direitos e deveres — como era previsto nas alíneas “d”¹⁷² do artigo 6º e “f”¹⁷³ do artigo 2º do D.L. 869/69 — poderia diminuir esse problema. E, por a alínea “f” ter sido recepcionada pelos Direitos Humanos¹⁷⁴ e ser ligada a uma garantia Constitucional¹⁷⁵, ela se tornou parte de uma *cláusula pétrea*¹⁷⁶ e, portanto, não poderia ser revogada. Eu entendo, inclusive, que essa alínea deveria ser chamada de “A pedra fundamental do Direito” — por se referir diretamente à noção fundamental de direitos e deveres.

^(33º) O poder pode ser corrompido tanto pra cima quanto pra baixo. Numa relação de trabalho, os funcionários podem usar indevidamente as horas de trabalho pra ganho pessoal ou negligenciar as suas responsabilidades — assim como os empregadores podem exigir horas extras não remuneradas ou impor tarefas que nunca foram acordadas. Tudo isso rompe os limites da autoridade legítima dentro do contrato. E quando o poder ultrapassa os seus limites, isso é usurpação — pura e simplesmente.

^(34º) Em escala internacional, o mesmo tipo de usurpação é frequentemente desculpado quando vem de nações poderosas. Mas violar a soberania de outro país é sempre errado — a menos que haja uma base legal clara pra isso. No Brasil, por exemplo, a nossa Constituição dá prevalência aos direitos humanos, mas isso só permite a intervenção estrangeira num caso: pra proteger a vida humana em larga escala e em situações extremas.

^(35º) Nós precisamos nos posicionar — ou sofreremos as consequências da nossa própria inação. Veja a música atual, por exemplo. Ela frequentemente ensina os homens a impor a sua força às mulheres por meio do desrespeito sexual. Ao mesmo tempo, a sociedade silenciosamente permitiu uma crescente hostilidade ao cristianismo. E agora? Agora ela está

¹⁷² “d) influenciar e convocar a cooperação, para servir aos objetivos da Educação Moral e Cívica, das instituições e dos órgãos formadores de opinião pública e de difusão cultural, inclusive jornais, revistas, editoras, teatros, cinemas, estações de rádio e de televisão, das entidades esportivas e de recreação, das entidades de classes e órgãos profissionais; e das empresas gráficas e de publicidade; (...)” Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/del0869.htm

¹⁷³ “f) a compreensão dos direitos e deveres dos brasileiros e o conhecimento da organização sócio político econômica do país.” Disponível em idem o anterior.

¹⁷⁴ Artigo 32, 2 – “Os direitos de cada pessoa são limitados pelos direitos dos demais, pela segurança de todos e pelas justas exigências do bem comum, numa sociedade democrática”. Fonte: Comissão Interamericana dos direitos humanos. Disponível em: https://www.cidh.oas.org/basicos/portugues/c.convencao_america.htm

¹⁷⁵ Art. 5º — “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: (...)XXXIII — todos têm direito a receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular, ou de interesse coletivo ou geral, que serão prestadas no prazo da lei, sob pena de responsabilidade, ressalvadas aquelas cujo sigilo seja imprescindível à segurança da sociedade e do Estado;”. Fonte: Planalto. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm.

¹⁷⁶ *Cláusulas pétreas* — estão previstas na *Constituição Federal Brasileira*, artigo 60, parágrafo 4º - “Não será objeto de deliberação a proposta de emenda tendente abolir: (...) IV - os direitos e garantias individuais”.

pagando o preço, à medida que o islamismo radical — uma ideologia que amplifica essas mesmas tendências violentas — continua a se expandir pelo mundo.

^(36º) Na década de 1970, a influência do movimento hippie parecia estar dissolvendo esse tipo de violência contra as mulheres — e, com ela, o ataque à libertação cristã. Por um momento, pareceu que nós poderíamos estar caminhando em direção à liberdade. Mas então o sistema reagiu, reintroduzindo essas idéias tóxicas em grande escala. Até desenhos animados começaram a normalizar a violência, mostrando homens das cavernas batendo em mulheres e arrastando-as pelos cabelos como se fossem troféus. E no mesmo ano em que a lei do divórcio foi aprovada, a mídia divulgou uma música que dizia:

Lá Vem Ela Chorando/Dinheiro Não Há
(Beth Carvalho, Ernâni Alvarenga e Benedito Lacerda, 1977)

Lá vem ela chorando
O que que ela quer?
Pancada não é, já sei
Mulher da orgia quando começa a chorar
Quer dinheiro
Dinheiro não há
Não há
Carinho eu tenho demais
Pra vender e pra dar
Pancada também não há de faltar
Dinheiro, isso não, isso eu não dou à mulher
Faço descer a terra, os céus e as estrelas
Se ela quiser
Mas dinheiro não há

^(37º) A violência é a forma mais visível de uso da força — um método rudimentar de impor disciplina visando puramente o controle. Foucault chamou esse tipo de coisa de “poder disciplinar”, em que o uso da coerção se torna uma forma de controlar as pessoas. Mas a coerção em si é basicamente um tipo de violência, e tentar impor disciplina a alguém já é, no fundo, algo bastante primitivo — seja ela física, verbal ou psicológica.

^(38º) Coerção é uma restrição eficaz — aplicada direta ou indiretamente pra impedir alguém de expressar o seu livre-arbítrio. Ela atua como uma barreira à ação, impondo punição e forçando a pessoa a agir contra os seus próprios desejos. A própria definição de coerção revela a sua natureza: é um ataque ao livre-arbítrio. Portanto, deve ser usada apenas em causas nobres — e com princípios mais elevados em mente.

^(39º) De fato, tirar o livre-arbítrio de alguém só é justificável quando falhou convencê-lo e é absolutamente necessário pra evitar danos — seja a uma pessoa ou à comunidade. A coerção deve ser sempre a exceção, com limites claros estabelecidos desde o início. Ela carrega uma lógica destrutiva e, por irritar, geralmente não funciona. A falta de valor está na sua própria natureza. Um insulto por exemplo, é uma forma de coerção moral.

^(40º) A coerção visa sujeitar o indivíduo e exercer controle sobre o seu corpo nos mínimos detalhes. Ela pode ditar gestos, comportamentos, hábitos e fala. Um exemplo disso é quando, muitas vezes, um responsável bate numa menina pra ela sentar de pernas fechadas — e a sociedade xinga a mulher se ela não tiver essa postura. A sociedade cria e populariza injúrias sexuais pra coagir e controlar.

^(41º) O poder familiar exerce a coação pelo poder disciplinar e a transfere pra escola, que é usada como um meio de reprodução da dominação. Assim, as pessoas acabam precocemente

sujeitas à coação do sistema de uma maneira indireta. Contudo, sem a coação, o resultado no ensino da disciplina é muito mais eficaz. Técnicas como a doma gentil — *join-up* de Monty Roberts — comprovam isso.

^(42º) A disciplina, num sentido positivo, é importante pro desenvolvimento humano. O condicionamento que ela proporciona é um forte aliado pra nós alcançarmos os nossos objetivos. Uma vez, eu ouvi alguém dizer: “nós somos sempre escravos — seja da disciplina ou da falta dela”. Mas eu entendo que nós podemos ser disciplinados sem nos tornarmos escravos.

^(43º) A verdadeira disciplina — aquela que constrói um templo interior e psicológico — não escraviza. Ela é a técnica praticada habitualmente pelo indivíduo, ajudando-o a se livrar dos erros e a avançar nos seus objetivos. Ser um escravo da disciplina pode ser comparado a ter obsessão, o que nem sempre é benéfico, embora seja útil pra objetivos específicos como passar em concursos. Conforme nos lembra Renato Russo, saber usar a disciplina pro nosso próprio benefício nos leva à liberdade.

^(44º) O poder disciplinar opera na camada mais fundamental do ser humano — e é por isso que ele deve ser exercido com moderação. Basta considerar o quão pessoal é quando os professores decidem se deixam ou não uma criança sair da sala de aula pra usar o banheiro. Da mesma forma, durante a adolescência, os guardiães podem, às vezes, precisar manter um jovem em casa, proibi-lo de ir a algum lugar ou verificar as suas mensagens por genuína preocupação. Mas, agora, imagine o dano psicológico causado quando ações como essas são usadas apenas como punição — e agravadas pela vigilância ou perseguição constantes.

^(45º) Ainda assim, o desejo de controlar frequentemente empurra os cuidadores pra além desses limites — em direção à tortura psicológica, forçando os jovens a entrarem em crises, pressionando-os a revelar os seus pensamentos. É aí que o controle encontra a loucura — não apenas na pessoa que está sendo controlada, mas naquele que controla.

^(46º) Sob um certo ponto de vista, a disciplina nos torna como elefantes de circo — ensinados desde pequenos a não quebrar as correntes que prendem as suas pernas. Assim, quando eles crescem, mesmo tendo forças pra se libertar, eles não o fazem.

^(47º) Mas o processo oposto também pode acontecer. Quando um jovem se acostuma a superar grandes desafios, ele cresce equipado pra enfrentar desafios ainda maiores. A disciplina liberta ou escraviza. O nosso pior inimigo pode estar dentro de nós. Antes de disciplinar alguém, as pessoas devem se perguntar: “Eu sou realmente disciplinado — ou apenas obsessivo?”

^(48º) Existe um conceito inferior e um superior de disciplina. Na sua forma superior, a disciplina permite que os seres humanos façam melhor uso das suas forças, guiados pelo discernimento e pelo conhecimento. Em contraste, a indisciplina leva ao desperdício do potencial humano. Ser disciplinado — ou disciplinar sem coerção — pode ser o maior presente que nós podemos oferecer a nós mesmos ou aos outros. Com disciplina, nós tendemos a alcançar os nossos objetivos. Sem ela, esse caminho se torna muito mais difícil.

^(49º) O poder disciplinar frequentemente se confunde com o próprio sistema e é importante pra nossa formação em sistemas — algo essencial à nossa sobrevivência. E esse processo se inicia no indivíduo. Uma pessoa com autodisciplina consegue direcionar as suas forças prum objetivo. O problema reside nos seus excessos e desvios.

^(50º) O saber institucionalizado sempre fez parte da mecânica do controle sistêmico. A partir daí, esse mecanismo se estende à *organização do espaço*, disciplinando as pessoas por meio da sua reunião em torno de um objetivo em comum como o trabalho.

^(51º) A organização do espaço inclui a *organização de pessoas* por meio de relações de subordinação ou coordenação — seja sob o comando de alguém, comandando outros ou operando em papéis paralelos. À medida que os indivíduos são atraídos pra esse jogo de controle, eles são reconhecidos pelo sistema de acordo com os seus papéis, criando gradualmente “tipos” específicos de pessoas.

^(52º) O *controle de tempo* envolve a regulação dos movimentos de uma pessoa na execução de tarefas. Esse controle está vinculado à *vigilância*, garantindo que as tarefas sejam executada de acordo com o conhecimento estabelecido.

^(53º) Com a aceleração capitalista, o *controle do tempo* tornou-se intenso — visando produzir da forma mais rápida e eficiente possível. A máxima “Tempo é dinheiro” reflete a mentalidade dos dominadores, convencendo os dominados das justificativas da sua escravidão e criando um código em comum, seguido por todos. Isso resulta numa relação de docilidade-utilidade, diminuindo as resistências.

^(54º) A *vigilância* é a ferramenta mais estratégica do controle. O indivíduo pode chegar a senti-la como contínua e ilimitada, adotando a visão do observador como prevenção contra algum olhar externo e opressor. E isso pode ser perigoso — porque, internalizando a identidade do dominador, a pessoa começa a se moldar por ela. Isso pode levar a crises de identidade que o impedirão de amadurecer ou de conquistar a felicidade.

^(55º) O vilão da primeira versão do seriado *Seres do Amanhã*¹⁷⁷, no episódio *Escravos de Jedekiah* ilustra esse processo perfeitamente — atuando como um olho externo onipresente. Nesse seriado os protagonistas eram continuamente vigiados pelo antagonista como se, na vida real, nós estivessemos sempre diante de uma câmera.

^(56º) Esse enfoque cinematográfico continuou até os dias atuais, introduzindo nas pessoas a sensação de vigilância. Se o dominado usa o conhecimento do dominador, ele olha pelo seu ponto de vista e internaliza uma vigilância/repressão contra tudo o que contradiz esse conhecimento — funcionando como o seu próprio opressor. Às vezes, tendo internalizado esse ponto de vista tão profundamente, as pessoas chegam a repetir o discurso do dominador em seu diálogo interno pra se ofenderem.

^(57º) As pessoas jurídicas sofrem as mesmas interferências aplicadas às pessoas físicas. No Brasil, os meios de comunicação em massa fazem esse papel de adequação ideológica dos brasileiros, depreciando os brasileiros pra depreciar a cultura local pelo humor. E isso se estende à internet, na qual os grandes autores e obras nacionais são descritos de maneira diminuída enquanto tudo o que vem dos Estados Unidos e dos países imperialistas é elogiado. Devido a isso os brasileiros adquirem uma visão repressora sobre a sua cultura e assumem os pontos de vista dos estrangeiros como seus.

^(58º) Além disso, a nossa escola despreza os nossos conhecimentos locais nos levando a aderir às culturas estrangeiras e cobrando de nós que nós usemos os seus conhecimentos. Por exemplo, aqui nós não estudamos no ensino médio e fundamental a nossa biodiversidade e boa alimentação pra fins de utilização terapêutica ou farmacológica, que era muito bem conhecida pelos nossos ancestrais. Assim, o nosso comportamento é controlado, sendo exigido dos brasileiros que almejam uma posição de destaque que eles se adaptem aos padrões estrangeiros e, conseqüentemente, suprimam a cultura local.

¹⁷⁷ *The Tomorrow People* — A sua primeira transmissão foi em 30 de abril de 1973 a 19 de fevereiro de 1979, na emissora ITV. No Brasil, esse seriado foi transmitido pela emissora Globo; Companhias Produtoras: ITV Network. Fonte: Wikipedia. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/The_Tomorrow_People.

^(59º) O controle também envolve *o registro constante do conhecimento*. É isso o que costura a teia da dominação — com o conhecimento institucionalizado percorrendo-a como um fio do início ao fim. Ao mesmo tempo que os administradores exercem um poder, eles produzem um saber. O mesmo olho que observa pra controlar é o que extrai, anota e transfere as informações pros pontos mais altos da hierarquia do poder. Por isso, não existe um saber institucionalizado neutro. Ele é político. Ele nasce das relações de poder, manipulando a verdade pra dirigir populações inteiras.

^(60º) Instituições como hospitais, escolas, prisões e hospícios não são apenas locais de cura, educação, punição ou tratamento, mas também centros de produção, acúmulo e transmissão de conhecimento. É nelas que nasceram áreas como a medicina, a pedagogia, a criminologia e a psiquiatria.

^(61º) Pra finalizar a malha da dominação, *todo saber ajuda a garantir o exercício de um poder*. É a condição pra pessoa poder manipular aquele conhecimento junto ao corpo dominador. Foucault evidencia a existência de formas de exercício do poder diferentes do Estado e a ele articuladas e argumenta que a mudança social não depende apenas da modificação do Estado, mas também dos mecanismos que operam em torno dele.

^(62º) Da minha perspectiva, tudo só mudará se as idéias que permitem a usurpação do poder — o dominismo — forem desmanteladas em toda a sociedade e se a verdade for teimosamente usada como ferramenta. A administração deve ser legítima — não feita em benefício de poucos, roubando os direitos de muitos. Toda mudança real precisa ser moral. Os problemas sociais refletem os individuais, e uma mudança moral honesta só pode ser construída com base na verdade.

^(63º) Contudo, devido ao nosso estado de involução, nós usamos a mentira até mesmo nas religiões. O budismo, por exemplo, é uma religião que tem um bom direcionamento, fundamentado na paz e no bem. Entretanto, as metáforas das suas histórias, que em alguns momentos, dão voz a bichos, partes do corpo e poderes de transformação, são irreais. Elas surgiram porque alguém teve dificuldade de explicar e outros de entender. Mas isso pode tornar a vivência literal dessas histórias inacessível, deixando os seus ensinamentos vagos.

^(64º) Ainda assim, eu quero deixar algo claro: os ensinamentos de Buda não pecam contra Deus. Eles guiam a mente em direção a algo mais elevado — o que nós poderíamos chamar de inteligência espiritual — e não em direção a outros deuses. A lógica do universo é maior que a lógica do controle. Quando nós nos desenvolvemos de acordo com essa lógica, nós seguimos uma espécie de caminho neural que expande a maneira como as nossas mentes funcionam. O budismo busca esse caminho — pregando bons pensamentos e bons sentimentos — e, por essa razão, ele não deve ser descartado como religião.

^(65º) Digamos que a Bíblia também traz algumas histórias míticas e impossíveis. Até por isso, eu não acredito em todo o seu conteúdo. Mas as parábolas de Jesus enfocam as vivências humanas e as Suas palavras têm uma aplicação direta nas nossas vidas. Por exemplo, a maior parte de nós é como um filho pródigo pra Deus¹⁷⁸, e essa é uma relação direta, pois Jesus ensina

¹⁷⁸ Essa é uma referência à parábola bíblica de *Lucas* 15:11-32, na qual o filho mais novo pede ao pai a sua parte na herança, sai de casa e gasta tudo numa vida dissoluta. Após isso acontecer, ele retorna arrependido, e é recebido pelo pai com festividades pela sua recuperação, causando a revolta do filho mais velho, ao qual o pai responde: “Meu filho, você está sempre comigo, e tudo o que tenho é seu. Mas nós tínhamos que comemorar e alegrar-nos, porque este seu irmão estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi achado”.

que Deus é o Pai e nós somos os seus filhos. O mesmo acontece na parábola do semeador¹⁷⁹, na qual Jesus usa uma experiência humana comum — o trabalho na terra — pra explicar como nós somos.

^(66º) De acordo com os ensinamentos do Mestre, nós nunca devemos ser como os três macaquinhos — tapando os olhos, a boca e os ouvidos. O saber institucionalizado é importante, sim — mas o saber livre, apoiado na capacidade de captar e conferir a verdade, também o é.

^(67º) O sistema nos ensina o oposto, por isso ele usa imagens como as dos três macaquinhos ou clichês como: “se não pode vencê-los, junte-se a eles”, sugerindo que nós abandonemos as nossas convicções em favor dos mais fortes. Da mesma forma, muitas vezes, um dominista astuto finge se render como se ele fosse uma vítima pra obter a piedade e fazer com que os outros cedam à dominação, beneficiando-se disso.

^(68º) Porém, enquanto nós nos juntamos a esses psicopatas, permitindo as estruturas ilegítimas de poder — como a escravidão feminina, a ditadura eleitoral e o sistema carcerário ilegal, entre outros — nós permaneceremos atrasados. Todas essas são estruturas ineficientes de coesão social construídas sobre a mentira, sobre a usurpação do poder e sobre o medo. Elas sobrevivem invalidando os indivíduos e lucrando com a morte. Esse é um problema que se agrava progressivamente se não for parado.

^(69º) Pra cada pessoa injustamente presa, há uma família por trás dela — cheia de tristeza e raiva, muitas vezes ansiando por vingança contra o carcereiro. O mesmo vale pra maioria pobre deste país, que assiste em silêncio à normalização dos abusos. Que moral nós temos pra chamar prisioneiros pobres de “criminosos” quando somos nós que atuamos como seus carcereiros cruéis? Nós toleramos o mal e, ao fazê-lo, nós construímos uma sociedade ressentida e violenta — apesar de nós termos o livre-arbítrio pra agir sempre, tanto pra resistir quanto pra aderir ao que é feito.

^(70º) As perseguições, disfarçadas de “disciplina”, são uma ameaça constante — uma ferramenta usada pra pressionar as pessoas a se submeterem ao dominismo. Mas, ainda que essa rendição pareça fácil, a população paga um preço alto por isso. Basta olhar pro Brasil: esse tipo de submissão muitas vezes significou o desmoronamento de toda a sociedade.

^(71º) A ideologia dominista coloca o livre-arbítrio como fonte do pecado — alegando que apenas quando nós obedecemos, nós não pecamos. E, realmente, sem o livre-arbítrio, ninguém seria responsável pelas suas ações e o conceito de pecado perderia todo sentido. Todos seriam como objetos. Sobre isso, a irmã Nair de Assis Oliveira resume as palavras de Santo Agostinho, no livro *O Livre-arbítrio*: “a possibilidade de fazer o mal é inseparável do livre-arbítrio, mas o poder de não o fazer é a marca da liberdade” (1995, p.18).

^(72º) Todos têm livre-arbítrio — gostem ou não — e todos são responsáveis pelas suas ações, seja pela lei física de causa e efeito ou pela Lei da Semeadura, na qual nós plantamos pouco, mas nós recebemos muitas consequências. Isso pode ser visto claramente em pessoas com alta visibilidade social — como os professores, padres ou artistas — que recebem

¹⁷⁹ BÍBLIA, *Mateus* 13:3-09 — “E seus discursos foram uma série de parábolas. Disse ele: ‘Um semeador saiu a semear. E, semeando, parte da semente caiu ao longo do caminho; os pássaros vieram e a comeram. Outra parte caiu em solo pedregoso, onde não havia muita terra, e nasceu logo, porque a terra era pouco profunda. Logo, porém, que o sol nasceu, queimou-se, por falta de raízes. Outras sementes caíram entre os espinhos: os espinhos cresceram e as sufocaram. Outras, enfim, caíram em terra boa: deram frutos, cem por um, sessenta por um, trinta por um. Aquele que tem ouvidos, ouça’”.

respostas amplificadas da comunidade pelas suas ações. E, honestamente, muitas vezes é melhor quando nós recebemos consequências imediatas dos nossos erros — pra que o dano não piore.

(73^o) As leis que regem o universo são, sobretudo, espirituais. Com paz, nós encontramos harmonia; com amor, união; com boa vontade, força. Sem essas qualidades, nós encontramos a destruição, o sofrimento psicológico e as fragilidades em todos os sentidos. Nós encontramos Deus pelo amor, ou pela dor, pois, em ambas as situações, nós concluímos a mecânica do que aconteceu. As leis do universo são leis e não sugestões; se nós não as obedecemos, nós nos afastamos da lógica do universo.

(74^o) A existência pressupõe a construção, a positividade — não a destruição ou a negatividade. Uma mente repleta de pensamentos negativos não alcança bons resultados, pois nega as possibilidades positivas. Os maus retornos são devido a uma atitude mental falha. Por exemplo, muitas vezes, em vez de as pessoas enfrentarem o mal, elas se compensam por meio de comportamentos ruins — como o abuso do álcool, que é o meio mais comum e um desastre nas nossas vidas. Devido a isso, até mesmo pra vender bebidas alcoólicas, infelizmente, o sistema investe na mecânica da destruição espiritual.

(75^o) Os conceitos superiores e divinos são como óculos — nos ajudam a enxergar a realidade com mais clareza. Com bons conceitos, nós podemos usar o nosso livre-arbítrio com sabedoria. Caso contrário, nós nos direcionamos pra destruição. Todos nós podemos fazer o bem ou o mal, mas a verdadeira liberdade não existe pra quem se afasta do bem.

(76^o) Apenas os milagres fogem às consequências naturais. Milhares de pessoas testemunharam milagres coletivamente — até mesmo na nossa era — como o milagre de Fátima ou as curas de Chico Xavier, de José Arigó, entre outros médiuns. Alguns dizem que estes últimos não são milagres, mas, pra mim, eles são — porque eles alteram a ordem natural. Não são todos que conseguem fazer essas curas tecnicamente impossíveis. Elas não decorrem de forças apenas mecânicas e sempre dependem da permissão de Deus.

(77^o) Nesse ponto, eu sou obrigada a abandonar um pouco os ateístas, pois pra mim não são necessários milagres pra provar a existência do Criador. Os humanos conseguem reproduzir a vida, como os seres inferiores também, nos seus limites — mas não a criar. A minha existência e a da vida em geral, já é um milagre.

(78^o) Ao mesmo tempo, nós não podemos apenas esperar por milagres. Nós devemos agir pra melhorar as nossas vidas. Isso envolve respeitar o livre-arbítrio pra trabalhar junto respeitando a dignidade humana. Agir em conjunto é uma evolução na nossa condição humana e nós devemos fazê-lo.

(79^o) A subordinação é uma forma de interagir com tarefas diferentes. Nela, há alguma renúncia ao livre-arbítrio em benefício de uma administração — mas não perda; em vez disso, há uma soma de esforços pra alcançar um objetivo em comum. Tarefas que exigem subordinação jamais devem envolver coação nem perda de dignidade. A vontade em comum e a boa palavra são as verdadeiras ferramentas de eficiência.

(80^o) Nós somos seres da mesma espécie — de todas as idades, cores, classes sociais, pais, filhos, irmãos, contratados e contratantes, profissionais, estudantes, desempregados, homens e mulheres, responsáveis pelos nossos corpos, criaturas pensantes. Nós necessitamos de interação — e o maior sentimento que nós podemos ter uns pelos outros é o amor em forma de amizade, algo essencial pra qualquer pessoa que se diga cristã.

(81^o) O nosso maior poder não é apenas a vontade — mas sobretudo, a boa vontade.

Imagens IV

Na próxima seção, ativismo, imagens confeccionadas pela autora com o auxílio de IA no projeto: *Aprenda A Ler Em Português Desde A Primeira Letra*. A abelhinha voava distraída, quando perdeu uma asinha e pulou na cabeça do professor Ulisses sentindo frio na barriga e falando AAAAA! Isso fez todos rirem junto com ela. O professor, então, fez a música da abelhinha com as crianças: “A, A, A faz a abelhinha; A, A, A faz a abelhinha; com uma asa só, fica engraçadinha; com uma asa só fica engraçadinha.” Depois, ele ensina a letra “A~ pra abelhinha: “Sabe aquele barulhinho que você fez quando você sentiu frio na barriga? Pois, é, ele é a letra ‘A’.” E as crianças ouviam com muita atenção, logo elas aprenderiam a ler tudo.



¹⁸⁰ Música e imagens do quadro de exposições pertencentes ao *Método da Abelhinha* de Alzira Sampaio Brasil da Silva, Lúcia Marques Pinheiro e Risoleta Ferreira Cardoso.



"Todo sistema educacional é uma forma de manter ou modificar a adequação dos discursos, com o conhecimento e os poderes que implicam".

Michel Foucault



Genealogia do poder

Assim como o filósofo alemão Friedrich Nietzsche, Foucault também desenvolveu a sua genealogia. O ponto de partida é a noção de que os valores - o bem é o mal, o verdadeiro e o falso, o certo e o errado, o sadio e o doente etc. - são consagrados historicamente em função de interesses relativos ao poder dentro da sociedade. Ou seja, a definição do que é bom, do que é verdade, do que é sadio depende das instâncias nas quais o poder se encontra.



A psicologia nunca poderá dizer a verdade sobre a loucura, pois é a loucura que detém a verdade da psicologia.

Michel Foucault
Foucault / Rabinow
1991 / 1991

www.citador.pt



Foucault: o poder está em toda parte

Michel Foucault, o pós-modernista francês, tem sido extremamente influente na formação de poder, afastando-se da análise de atores que utilizam o poder como instrumento de coerção, e mesmo longe das discretas estruturas em que esses atores operam, em direção à ideia de que “O poder está em toda parte”, difundido e incorporando no discurso no conhecimento e nos “regimes da verdade” (Foucault, 1991; Rabinow, 1991).

O poder para Foucault é o que nos faz o que somos, operando em um nível bastante diferente de outras teorias.

Fontes: pt.slideshare.net e powercube.net. Disponíveis em: <https://pt.slideshare.net/slideshow/sociologia-michel-foucault/37977712> e www.powercube.net/other-forms-of-power/foucault-power-is-everywhere/